

V ENCONTRO AMAZÔNICO SOBRE MULHERES E GÊNERO – GEPEM

19 a 21 de novembro de 2019

Universidade Federal do Pará (UFPA)

AT 03: GÊNERO, COMUNICAÇÃO, ARTE E LITERATURA

UMA RELEITURA DO CONTO ACAUÃ À LUZ DOS ESTUDOS SOBRE GÊNERO SOB A PERSPECTIVA DO FEMININO

Joyce Cristina Farias de Amorim (Unama)¹
José Guilherme de Oliveira Castro (Unama)²

Resumo

O presente artigo se propôs a realizar uma análise, à luz da concepção de gênero, do conto Acauã, do livro Contos Amazônicos (1893), do escritor Inglês de Sousa. O intuito foi observar como se dá e/ou se constrói a representação do feminino na narrativa de Inglês de Sousa. A análise se baseia na observação do dito e do não dito sobre as personagens femininas ao longo da tecitura literária, sob o olhar do contemporâneo e da ideia sobre dominação masculina que, segundo Bordieu, está de tal maneira ancorada no inconsciente das pessoas. A presente análise se construiu e se constituiu com base em pressupostos teóricos que pudessem contribuir com o diálogo proposto entre o conto e a atualidade, como Bordieu (2012), Hall (2006), Bauman (2005), Butler (2003), Borrillo (2010), Spivak (2010), Beauvoir (1970), analisando as figuras femininas do conto sob a égide atual da relação tempo e espaço, a sexualidade e as identidades femininas, subalternidade e empoderamento, entre outros aspectos. O objetivo também foi propor uma discussão sobre como o feminino é representando, de acordo com as principais referências sobre a temática, tendo como objeto de estudo a narrativa literária do final século XIX, sem deixar de ressaltar a importância do conjunto da obra de Inglês de Sousa no âmbito literário brasileiro de expressão amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Representação. Gênero. Feminino.

Abstract

The present study aims to analyze the Acaua narrative, in the perspective of gender studies, the narrative is on Contos Amazonicos book (1893) by Ingles de Souza writer. The intention was to observe like how was constructed the feminine representation in the literary narrative by Inglês de Sousa. The analysis is based in the observation it was said and it wasn't said about feminine characters over the literary narrative, from a temporary perspective and conception about male domination by Bordieu, because as he says this impregnated in people's mind. The present anlysis was constructed and was constituted with base in the theoretical assumptions can talk between the fictional narrative and the present time, like Bordieu (2012), Hall (2006), Bauman (2005), Butler (2003), Borrillo (2010), Spivak (2010), Beauvoir (1970), analysing the female figure under the auspice of relation time and space, sexuality and the feminine identities, subaltermity etc. The aim, too, was propose a discussion about how the feminine is represented in the narrative by Ingles de Sousa in the end of century XIX, without ignoring the importance of the collection of work by Ingles de Sousa in the ambit brazilian literature of amazon expression.

KEYWORDS: Literature. Representation. Gender. Feminine.

UM ESTUDO TEÓRICO REFLEXIVO DO CONTO ACAUÃ À LUZ DOS ESTUDOS SOBRE GÊNERO SOB A PERSPECTIVA DO FEMININO

Joyce Cristina Farias de Amorim³

¹ <http://lattes.cnpq.br/4653194728338812>

² <http://lattes.cnpq.br/4564267097302078>

Resumo

O presente artigo se propôs a realizar uma análise, à luz da concepção de gênero, do conto Acauã, do livro Contos Amazônicos (1893), do escritor Inglês de Souza. O intuito foi observar como se dá e/ou se constrói a representação do feminino na narrativa de Inglês de Souza. A análise se baseia na observação do dito e do não dito sobre as personagens femininas ao longo da tecitura literária, sob o olhar do contemporâneo e da ideia sobre dominação masculina que, segundo Bordieu, está de tal maneira ancorada no inconsciente das pessoas. A presente análise se construiu e se constituiu com base em pressupostos teóricos que pudessem contribuir com o diálogo proposto entre o conto e a atualidade, como Bordieu (2012), Hall (2006), Bauman (2005), Butler (2003), Borrillo (2010), Spivak (2010), Beauvoir (1970), analisando as figuras femininas do conto sob a égide atual da relação tempo e espaço, a sexualidade e as identidades femininas, subalternidade e empoderamento, entre outros aspectos. O objetivo também foi propor uma discussão sobre como o feminino é representando, de acordo com as principais referências sobre a temática, tendo como objeto de estudo a narrativa literária do final século XIX, sem deixar de ressaltar a importância do conjunto da obra de Inglês de Souza no âmbito literário brasileiro de expressão amazônica.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura. Representação. Gênero. Feminino.

Abstract

The present study aims to analyze the Acaua narrative, in the perspective of gender studies, the narrative is on Contos Amazonicos book (1893) by Ingles de Souza writer. The intention was to observe like how was constructed the feminine representation in the literary narrative by Inglês de Souza. The analysis is based in the observation it was said and it wasn't said about feminine characters over the literary narrative, from a temporary perspective and conception about male domination by Bordieu, because as he says this impregnated in people's mind. The present anlysis was constructed and was constituted with base in the theoretical assumptions can talk between the fictional narrative and the present time, like Bordieu (2012), Hall (2006), Bauman (2005), Butler (2003), Borrillo (2010), Spivak (2010), Beauvoir (1970), analysing the female figure under the auspice of relation time and space, sexuality and the feminine identities, subalternity etc. The aim, too, was propose a discussion about how the feminine is represented in the narrative by Ingles de Souza in the end of century XIX, without ignoring the importance of the collection of work by Ingles de Souza in the ambit brazilian literature of amazon expression.

KEYWORDS: Literature. Representation. Gender. Feminine.

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história é possível observar o papel e o lugar da mulher sendo invisibilizados e/ou subalternizados nos mais diversos (não) registros, e na Literatura não foi muito diferente. Seja na condição de autora, seja na condição de personagem. Dessa forma, a presente análise se constrói e se constitui a partir desses pressupostos, tomando como objeto de estudo o conto Acauã do escritor Amazônico, Inglês de Souza. Enfatizando que a intenção não foi explorar o contexto regional e imaginário amazônico, porém sem desconsiderá-lo, mas propor reflexões para um patamar mais amplo de discussão, com base nos pressupostos teóricos utilizados como referência para a construção deste artigo.

³ Mestra em Comunicação, linguagens e cultura. Discente de Doutorado do PPGCLC (2019) – Unama. Pesquisadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Diversidade e Inclusão – GEPIDI e do Grupo de Pesquisa Interfaces do Texto Amazônico - GITA. E-mail: joyce.crisamorim@hotmail.com <http://lattes.cnpq.br/4653194728338812>

⁴ Orientador. Docente vinculado ao PPGCLC – Unama. Doutor em Teoria Literária.

As diferentes representações do feminino na literatura brasileira revelam, em termos de linhas gerais, uma face da história de opressão e subalternização das mulheres a partir do conservadorismo sócio-histórico na cultura das relações de gênero. Por isso a relevância da discussão.

Geralmente, a produção literária de autoria feminina apresentam características muito próximas e/ou próprias da literatura de testemunho. Escritoras narram, na maioria das vezes suas próprias histórias de vida, de maneira real e/ou fictícia. Elas, as vozes femininas, narram, dão testemunho, sobre dores, sofrimentos, traumas. Muitas das vezes, exercem o papel de narradora de si, em outras dão vozes a personagens. Em relação a isso, nota-se que “os estudos acerca do testemunho na literatura têm crescido consideravelmente (SALGUEIRO, 2012, p.291). E

Esse crescimento se liga, sem dúvida, à onda (multi)culturalista. Em princípio, alias, ‘literatura’ seria oposto de ‘testemunho’ – e vice-versa. Este é um ponto nodal do debate. Por isso mesmo, as considerações acerca da ‘literatura de testemunho’ envolvem questões de gênero, de valor, de saberes, que, mais uma vez, tensionam os limites entre estética e ética, entre verdade e ficção, entre realidade e representação. O debate em torno do testemunho na literatura requer acercar-se não só de estudos literários (Seligmann-Silva, 2005; Ginzburg, 2011), mas de boas doses de Filosofia (Gagnebin, 2006), Psicanálise (Caruth, 2000), Direito (Agamben, 2008), Sociologia (Bauman, 1998), História (Ricoeur, 2007) etc. (SALGUEIRO, 2012, p. 291).

Mesmo partindo do princípio de que “a noção fundadora de testemunho vem da chamada ‘literatura do Holocausto’, emblematizada pelos relatos de sobreviventes da Segunda Guerra Mundial” (SALGUEIRO, 2012, p. 291), sabe-se que essa concepção inicial se ampliou a outros entendimentos, pode-se dizer, inclusive que

Há, em suma, inúmeras modalidades de testemunho, seja em relação a situações, eventos, períodos (Shoah, Gulag, genocídios, guerras, ditaduras, tortura, miséria, opressão etc.), seja em relação a formas de expressão do testemunho (memória, romance, filme, depoimento, poema, quadrinhos, canções etc) (SALGUEIRO, 2012, p. 284).

E com base nisso, e também levando em consideração que o período de maior discussão sobre a literatura de testemunho se dá num momento que se distancia do tempo do conto em questão, a intenção neste se dá em especial pela observação da dor, do sofrimento de uma das personagens. Dores que se traduzem na voz de um narrador que testemunha a história de vida de uma das personagens fictícia, a Aninha. Mas não só sobre ela, mas especialmente.

Sobre o autor de Acauã, Herculano Marcos Inglês de Sousa, conhecido como Inglês de Sousa, destacou-se tanto na literatura, na política, na docência, como na

área jurídica. Nasceu em Óbidos, estado do Pará, em 28 de dezembro de 1853, mas foi embora do estado ainda na infância, faleceu aos 65 anos no Rio de Janeiro, em 6 de setembro de 1918.

Inglês de Sousa realizou seus primeiros estudos ainda no Pará, porém

A vida profissional e literária de Inglês de Sousa foi ela desenvolvida no Sul do país, não sendo muito difundida no Pará, onde só era conhecida nos meios culturais, mas, é interessante assinalar, quase todos os seus romances e contos giram em torno da Amazônia, de seus costumes, de suas gentes, o que imprime um sabor todo especial à descrição envolvendo o comportamento das pessoas [...] (MEIRA, 1990).

Inglês de Sousa marcaria não só o início do Naturalismo no Brasil, mas marcaria um espaço para a literatura de expressão amazônica no contexto nacional. No âmbito da literatura, o conjunto da obra de Inglês de Sousa não prima pela quantidade, mas pela qualidade, pois publicou somente cinco obras literárias, quatro romances O Cacaulista (1876), História de um pescador (1876), O Coronel Sangrado (1877) e O Missionário (1891), e o autor encerraria sua produção literária com um livro de contos intitulado Contos Amazônicos (1893), do qual faz parte o conto em questão.

O discurso apresentado na obra de Inglês de Sousa é aquele formado a partir do imaginário local, na cultura do entre-lugares em que os sujeitos estão inseridos para moldarem sua identidade, já que é preciso está inserido no espaço para se compreender o mesmo (BHABHA, 2013). Isso se constata na própria formação de vida do próprio escritor Inglês de Sousa. Que nasceu no Pará, e escreveu sobre a Amazônia, mesmo não residindo grande parte de sua vida neste lugar.

Retomando a discussão o presente artigo discute inicialmente a figura e a condição feminina diante de uma cultura patriarcal, permeada por um discurso dominante, à luz dos pressupostos sobre o ser feminino, vias de regra, o de ser mulher. E num segundo momento, analisa-se, dialogicamente a partir dos pressupostos teóricos, a representação do feminino no conto Acauã de autoria masculina.

2 A (IN)SUSTENTÁVEL LEVEZA DO SER... FEMININO: UMA BREVE DISCUSSÃO TEÓRICA E HISTÓRICA

É por meio de uma referência conotativa à obra de Milan Kundera (1985) que se intitula este tópico, e que, assim como a emblemática trama de Kundera, entranha-se pela profundidade e pela complexidade, bem como em torno de conceitos que sugerem leveza e peso, mas enquanto Kundera propõe reflexões sobre o amor e suas vicissitudes, este artigo caminha para a discussão do que é ser feminino, ser mulher.

Ao pensar e discutir sobre as questões que envolvem o que é ser mulher ao longo do tempo, e perceber pensamentos/comportamentos que se propõem como ruptura contra a dominação masculina, logo surge um dos nomes mais representativos dessa mudança de pensamento, o de Simone de Beauvoir. Ela foi considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno, autora de frases que marcariam o seu nome na história, e a faria necessariamente presente nas discussões sobre os estudos de gênero, em especial com a frase “ninguém nasce mulher, torna-se”. E para esta discussão, os pressupostos de Beauvoir (1970) e de Butler (2003) se fazem importantes.

No livro de Butler (2003), Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade, que se divide em três capítulos, a escritora discorre sobre uma genealogia crítica das categorias de gênero em campos discursivos muito distintos. E inspirada nos discursos de Beauvoir (1970), Kristeva, Irigaray, Foucault e Witting, Butler (2003) fala o quão é melindrosa a questão de tentar definir uma identidade do ser mulher e/ou do ser feminino, pois depende de muitas outras questões, como o contexto histórico, político, ideológico, entre outros. Uma definição num determinado contexto, não necessariamente caberá em outros, mas é possível presumir uma identidade:

Em sua essência, a teoria feminista tem presumido que existe uma identidade definida, compreendida pela categoria de mulheres, que não só deflagra os interesses e objetivos feministas no interior de seu próprio discurso, mas constitui o sujeito mesmo em nome de quem a representação política é almejada (BUTLER, 2003, p. 17-18).

O que sugere que ser feminino e o ser mulher, não necessariamente, carregam o mesmo sentido.

Beauvoir (1970), em seu livro, O segundo sexo: fatos e mitos, inicia uma intensa e reflexiva indagação sobre o que é ser mulher, proporcionando as mais sugestivas e diversas compreensões e olhares, sejam do ponto de vista biológico e/ou social, os sentidos imbricam-se e se (con)fundem. A compreensão se dá pelos questionamentos e pelas possibilidades, não pela exatidão de respostas, se é que é possível, assim, defini-la.

Que é uma mulher? *‘Tota mulier in utero: é uma matriz’*, diz alguém. Entretanto, falando de certas mulheres, os conhecedores declaram: *‘Não são mulheres’*. Embora tenham um útero como as outras. [...] Todo ser humano do sexo feminino não é, portanto, necessariamente mulher [...] (BEAUVOIR, 1970, p.7).

Segundo a própria escritora e filósofa, ligada ao pensamento existencialista, “o próprio enunciado do problema sugere uma resposta” (Beauvoir, 1970, p.9). Pois, conforme Beauvoir (1970) um homem não teria a ideia de escrever um livro sobre a situação singular

que eles ocupam na humanidade, mas se for uma mulher, sim. Se do ponto de vista da autoria, não resta dúvida de que é isso que ocorre, e do ponto de vista em que o autor e/ou narrador de uma narrativa literária fala sobre a figura/personagem feminina, como ele a descreve? Qual a representação feminina aos moldes do olhar masculino? Embora, previsível, as respostas são as mais sugestivas possíveis, e geralmente são permeadas por um olhar misógino, e é por esse viés de discussão que se envereda esta análise.

A ideia que se tem neste artigo, não é propor respostas, mas reforçar os questionamentos, as reflexões já propostas por grandes teóricos, e talvez com a força destas indagações fragilizar, dirimir, desconstruir e reconstruir o discurso hegemônico e romper com o pensamento da dominação masculina/patriarcal ainda resistente e insistentemente instituída.

Outro nome importante é o de Bordieu (2012) que em seu livro *A Dominação Masculina*, disserta sobre a necessidade de se pensar no trabalho histórico de des-historicização

Realmente, é claro que o eterno, na história, não pode ser senão produto de um trabalho histórico de eternização. O que significa que, escapar totalmente do essencialismo, o importante não é negar as constantes e as invariáveis, que fazem parte, incontestavelmente, da realidade histórica: é preciso reconstruir a história do trabalho histórico de des-historização, ou, se assim preferirem, a história da (re)criação continuada das estruturas objetivas e subjetivas da dominação masculina, que se realiza permanentemente, desde que existem homens e mulheres, e através da qual a ordem masculina se vê continuamente reproduzida através dos tempos (BORDIEU, 2012, p. 100-101).

O teórico que discute sobre violência simbólica, não descarta o quão emblemático é esse processo

Ao trazer à luz as invariantes trans-históricas da relação entre os 'gêneros', a história se obriga a tomar como objeto o trabalho histórico de des-historicização que as produziu continuamente, isto é, o trabalho constante de diferenciação a que homens e mulheres não cessam de estar submetidos e que os leva a distinguir-se masculinizando-se ou feminilizando-se. Ela deveria empenhar-se particularmente em descrever e analisar a (re) construção social, sempre recomeçada, dos princípios de visão e de divisão geradores dos 'gêneros' e, mais amplamente, das diferentes categorias de práticas sexuais (sobretudo heterossexuais e homossexuais), sendo a própria heterossexualidade construída socialmente e socialmente constituída como padrão universal de toda prática sexual 'normal', isto é, distanciada da ignonímia da 'contranatureza' (BORDIEU, 2012, p.101-102).

Bordieu (2012) afirma que a história deveria se empenhar e se aprofundar nos estudos de gênero sugerindo que tudo o que está ligado a ideia que se tem sobre homem e

mulher, e necessariamente a heterossexualidade foram construído e instituído social e historicamente, e aceitos como padrão, como natural, como normal, e que tudo que foge disso é entendido como não aceitável. O que sugere ser necessário se fazer uma (re)construção social, histórica, de conceitos, entre outros. Mas Bordieu (2012) aponta uma pequena luz no fim do túnel, não como saída, mas como possibilidade para iluminar o caminho das discussões, afirmando que

Uma verdadeira compreensão das mudanças sobrevindas, não só na condição das mulheres, como também nas relações entre os sexos, não pode ser esperada, paradoxalmente, a não ser de uma análise das transformações dos mecanismos e das instituições encarregadas de garantir a ordem dos gêneros (BORDIEU, 2012, p. 102-103).

Ainda segundo Bordieu (2012, p.106)

A maior mudança está, sem dúvida, no fato de que a dominação masculina não se impõe mais com a evidência de algo que é indiscutível. Em razão, sobretudo, do enorme trabalho crítico do movimento feminista que, pelo menos em determinadas áreas do espaço social, conseguiu romper o círculo do esforço generalizado, esta evidência passou a ser vista, em muitas ocasiões, como algo que é preciso defender ou justificar, ou algo de que é preciso se defender ou se justificar (BORDIEU, 2012. p.106).

E por entender ser um tema predominantemente, porém não necessariamente exclusivo, de preocupação de teóricas e ativistas femininas/feministas, Bordieu (2012, p.138) se justifica ao engendrar pelo assunto

Se me aventurei, pois, depois de muita hesitação e com a maior apreensão, por um terreno extremamente difícil e quase que inteiramente monopolizado hoje pelas mulheres, é porque eu tinha o sentimento de que a relação de exterioridade na simpatia em que eu me havia colocado poderia permitir-me produzir, com o apoio do imenso trabalho estimulado pelo movimento feminista, e também dos resultados de minha própria pesquisa a respeito das causas e dos efeitos sociais da dominação simbólica, uma análise capaz de orientar de outro modo não só a pesquisa sobre a condição feminina, ou, de maneira mais relacional, sobre as relações entre gêneros, como também a ação destinada a transformá-las (BORDIEU, 2012, p. 138).

Entende-se aqui a necessidade de se estender essa preocupação. Bordieu (2012, p.138) concorda que “o movimento feminista contribuiu muito para uma considerável ampliação da área política ou do politizável, fazendo entrar na esfera do politicamente discutível ou contestável”, mas alerta, segundo sua própria compreensão de que

[...] o movimento feminista não deve mais deixar-se encerrar apenas em formas de luta política rotuladas de feministas, como a reivindicação de paridade entre os homens e as mulheres nas instâncias políticas [...] estas

lutas correm o risco de redobrar os efeitos de uma outra forma de universalismo fictício, favorecendo prioritariamente saídas das mesmas áreas do espaço social que os homens que ocupam atualmente as posições dominantes (BORDIEU, 2012, p.139).

Essa é uma questão tênue dentro do movimento feminista, discutida também por Butler (2003).

A questão do ser mulher/ser feminino perpassa por diversas discussões que envolvem também discussões sobre identidade, o que culmina sutilmente para o campo da indissociabilidade.

Identidade é um tema de interesse das mais diversas áreas do conhecimento, o que reforça seu caráter polissêmico. Difícil até mesmo defini-la ou delimitá-la. Por isso, este envereda pelas concepções de Bauman (2005) e Hall (2006) que asseguram que o conceito de identidade é demasiadamente complexo, mas imprescindível para a compreensão do ser, do sujeito, do ponto de vista de suas subjetividades e coletividades.

Bauman (2012, p.44) diz que “a atenção intensa que hoje se dá ao tema da identidade é em si mesma um fato cultural de grande importância”, e isso é que também sustenta a importância desta pesquisa no campo da literatura e do social. E como o intuito é propor reflexões e observar os processos de construção do feminino, tais considerações se fazem importante. O objetivo é oferecer uma pesquisa contínua, mostrando possibilidades diferentes de reflexão.

Estamos observando, nos últimos anos, uma verdadeira explosão discursiva em torno do conceito de “identidade”. O conceito tem sido submetido, ao mesmo tempo, a uma severa crítica. Como se pode explicar esse paradoxal fenômeno? Onde nos situamos relativamente ao conceito de “identidade”? está-se efetuando uma completa desconstrução das perspectivas identitárias em uma variedade de áreas disciplinares, todas as quais, de uma forma ou outra, criticam a ideia de uma identidade integral, originária e unificada (HALL, 2006, p. 103)

Não há identidade una, singular, e muito menos estática. Pelo contrário, é múltipla e efêmera. E isso ajuda a entender de certo modo a complexidade que gira em torno da definição do ser feminino e/ou do ser mulher.

3 OS DIFERENTES FIOS REPRESENTATIVOS DO SER FEMININO NA TECITURA LITERÁRIA ACAUÃ

À luz da concepção da literatura de testemunho, o narrador, em Acauã, seria um tipo de testemunha testis, seria aquele que vê e registra os fatos (BRITO JUNIOR, 2013, p. 61). A personagem Aninha seria a superstes que é aquela que dá, dentre outros, o testemunho da superação da morte e da resiliência da vida (BRITO JUNIOR, 2013, p. 63), no caso de

Aninha, embora um sofrimento visível, descrito pelo narrador, ela permanece em silêncio, e o seu silêncio também fala. E a ideia que se tem sobre o testemunho da superstes é que este leva o fatural ao nível da sobrevivência (BRITO JUNIOR, 2013, p. 63).

Não se trata de uma história real, mas uma narrativa tecida por fios míticos que se realizam no imaginário amazônico. E inclusive

[...] é por conta da imaginação que muitas acusações são feitas contra o testemunho. Ou seja, antes de se criticar a literatura (com seu evidente compromisso com a imaginação), a própria narrativa testemunhal, que se quer 'primeira', atestação, fonte original da realidade, mesmo esta narrativa é descartada por muitos historiadores, como não sendo fonte fidedigna para o historiador (SELIGMANN-SILVA, 2008, p. 71).

E é nesse contexto literário que se dá esta discussão.

No universo amazônico, de acordo com Loureiro (1995), as pessoas encontram explicações e justificativas para tudo o que acontece, por meio do imaginário local que se construiu e se constrói da relação do homem com a natureza e com os outros. Algo explícito na narrativa de Inglês de Sousa, um espaço social motivado, explicado e vivido a partir da existência de uma mitologia que não desapareceu no decorrer da história e da evolução do pensamento humano, na verdade se transformou. E que por ventura permite a análise que se faz a seguir.

Assim, a análise da representação do feminino no conto se dá por meio de um olhar do contemporâneo sobre as personagens, sem explorar intensivamente o regional e ao mesmo tempo sem desconsiderá-lo. A intenção foi observar o processo de construção identitária das personagens femininas na narrativa inglesiana do final do século XIX, trazendo a discussão para tempos recentes em que muitas (des) (re) construções estão ocorrendo e num contexto em que a luta por uma desejada equidade tem se intensificado.

3.1 O feminino em Acauã: um olhar sobre as personagens para além das fronteiras literárias de expressão amazônica

Hegemonicamente, ao longo da história a mulher foi/é considerada como sendo inferior ao homem, seja do ponto de vista do social, político e até mesmo estético. Em termos gerais, foi subjugada, silenciada, excluída, estereotipada. Mas, atualmente, observa-se que em diversos campos, a mulher tem conseguido se firmar, adentrando em espaços em que durante muito tempo lhe fora negado.

Na literatura é notório que muitas obras de autoria feminina vêm ganhando mais e novos espaços e conceitos, e as que foram excluídas no passado, passaram a ganhar (maior) visibilidade e reconhecimento, mesmo que tardiamente. O presente estudo procura mostrar aqui a figura feminina, necessariamente a representação do feminino, não enquanto

autoria, mas enquanto personagens, e sob a visão masculina, levando a discussão a partir de um determinado contexto literário, atravessando as experiências das vozes, dos olhares e da vida de quem produz este trabalho, levando para um nível de reflexão nos/dos dias atuais.

Este artigo toma como objeto de análise a narrativa Acauã do livro Contos Amazônicos (1893), cuja narrativa se dá no entrelace de dois campos distintos, o do real e o do imaginário cotidiano da vida amazônica, ou seja, trata-se da vida de ribeirinhos amazônicas movida/permeada por lendas e mitos que movem o seu cotidiano, suas crenças, seus valores e, também suas relações sociais. A Amazônia que não é singular, mas pluri merece um foco maior e mais significativo, tanto quanto a sua importância nas/das mais diferentes áreas de estudos. Até porque há outras formas de conceber, de ver, de definir a Amazônia, e por isso a lógica de entender não só uma Amazônia, mas várias. Segundo Loureiro (2002)

A margem do rio, entre o rio e a floresta, é o lugar privilegiado dos enigmas da Amazônia transfigurados em enigmas do mundo. Oferece interrogações sobre origens e destinos. É quando o rio deságua no imaginário. Onde se pode ler a multiplicidade dos ritmos da vida e do tempo, observar as indecisões da fronteira entre o real e o imaginário, o espontâneo maravilhamento diante dos acasos. O sentido privilegiado da contemplação conduz ao jogo estético, pela quimera de olhar as coisas ante o mistério que delas emana e pelo que nelas se exprime, nesse vago e gratuito prazer da imaginação que não busca um porto, embora numa viagem de vagos destinos. Uma viagem que não precisa levar a nenhuma parte. A margem do rio não existe lógica para ser coerente. Nela estão os mais preciosos arquivos culturais do mundo amazônico, os manguezais simbólicos de nossa cultura, as raízes submersas da alma cabocla (LOUREIRO, 2002, p.165).

Fugindo deste desafio de desbravar a enigmática Amazônia, descrita por Loureiro, este estudo segue por outra margem. O foco é dado às personagens, um olhar dado à narrativa como o de quem busca informações outras, sentidos outros, sem mexer nos detalhes da obra, mas de quem observa à paisana, metaforicamente sentado(a) à margem de um rio, o movimento, as vozes, as descrições, as características presentes e insinuadas, e porque não, insinuantes.

Butler (2003) ao longo dos seus escritos vai fazendo diversas indagações que de certa forma confirma e identifica problemas/falhas dentro da concepção do pensamento e da prática do movimento feminista, em especial na própria definição de seus sujeitos, considerando a distinção entre sexo e gênero, e embora levante todos esses questionamentos, Butler (2003), concomitantemente, reconhece a importância e a necessidade do feminismo, mas enfatiza que um dos maiores problemas está em torno dos sujeitos.

Segundo, a filósofa francesa, Simone de Beauvoir “não se nasce mulher, torna-se mulher”, o gênero é simplesmente um processo de construção (BUTLER, 2003, p. 26).

Em relação ao conto Acauã, a trama gira em torno de um homem viúvo, Jerônimo, que mora com sua filha legítima, Aninha, e que encontra um bebê, Vitória, num certo dia e num contexto enigmático, e a adota como filha. A história se desenrola num contexto típico do imaginário amazônico, numa comunidade ribeirinha, permeada por mistérios surpreendentes. Mas a análise se ancora, principalmente, nas entrelinhas dos comportamentos e das atitudes das personagens Aninha e Vitória, e na relação com o pai, Jerônimo.

Havia entre Aninha e Vitória uma relação enigmática/misteriosa que causa estranhamento e sugere as mais diferentes impressões e entendimentos. Conforme pode ser notado na fala do narrador

As duas companheiras afetavam a maior intimidade e ternura recíproca, mas o observador atento notaria que Aninha evitava a companhia da outra ao passo que esta a não deixava. A filha do Jerônimo era meiga para com a companheira, mas havia nessa meiguice um certo acanhamento, uma espécie de sofrimento, uma repulsão, alguma coisa como um terror vago, quando a outra cravava-lhe nos olhos dúbios e amortecidos os seus grandes olhos negros (SOUSA, 2005, p. 67).

As personagens que foram criadas como irmãs, ao longo da narrativa, pela voz do narrador, aparentam ter uma relação algumas vezes conflituosa, outras vezes amistosa. Em algumas situações se observa características de subalternidade, de Aninha em relação à Vitória. O que sugere um comportamento misógino desta última. Há de certa forma, também, uma implícita e sugestiva possibilidade de uma relação amorosa entre elas. E considerando o contexto histórico da obra, é possível sugerir explicitamente que tal relação pudesse suscitar polêmica à época, pois possivelmente, seria mais aceitável entender a relação somente pelo sentido mítico, explicável e justificável pela lenda do pássaro Acauã, do que uma relação homoafetiva. Algo semelhante a uma situação de gravidez indesejada, cuja responsabilidade é atribuída ao boto, outro símbolo mítico, e tal aceitação seja visto como natural pelo imaginário amazônico. No caso, da homossexualidade, esta seria menos aceitável (ou de forma alguma) que a gravidez de um amante e/ou na adolescência, por exemplo. Isso, considerando o pensamento patriarcal que se instaurou social e historicamente.

Trazer esta discussão para o atual contexto se faz necessário dizer que, é ainda lidar com fortes preconceitos. O que Bordieu (2012) alerta para se pensar a (re)construção do pensamento, do ponto de vista social e histórico, em torno da questão de gênero e de suas práticas/orientações sexuais. Conforme Borrillo (2010, p. 30), “a homofobia é

inconcebível sem que seja levada em consideração a ordem sexual a partir da qual são organizadas as relações sociais entre os sexos e as sexualidades”. Pois, “à origem da justificativa social dos papéis atribuídos ao homem e à mulher, esta se encontra na naturalização da diferença entre dois sexos” (BORRILLO, 2010, p.30), ou seja, a dita ordem natural dos sexos é o que determina uma ordem social em que o feminino deve ser complementar a do masculino, inclusive pela lógica da subordinação, tanto psicológica, quanto cultural. E ainda segundo, Borrillo (2010, p.30) “ [...] a dominação masculina identifica-se com essa forma específica de violência simbólica que se exerce, de maneira sutil e invisível”, até porque tal violência é apresentada pelo dominador e natural, inevitável e necessariamente aceita pelo dominado. De acordo com o escritor, sobre a definição de sexismo, este caracteriza-se, precisamente, por uma constante objetificação da mulher, bem como acrescenta P. Bordieu (1998, p.73 apud BORRILLO, 2010, p.30):

[As mulheres] existem, em primeiro lugar, pelo e para o olhar dos outros, ou seja, enquanto objetos acolhedores, atraentes e disponíveis. Espera-se que elas sejam “femininas”, ou seja, sorridentes, simpáticas, atenciosas, submissas, discretas, reservadas e, até mesmo, invisíveis. E a pretensa “feminilidade” não passa, na maior parte das vezes, de uma forma de complacência em relação às expectativas masculinas, reais ou supostas, particularmente em matéria de ampliação do ego. Por conseguinte, a relação de dependência para com os outros (e não só dos homens) tende a tornar-se constitutivo de seu ser (BORRILLO, 2010, p. 30).

No que diz respeito à condição subalterna de Aninha, esta condição é percebida pelo comportamento de medo e de subserviência em relação à Vitória e, também em algumas situações, em relação ao pai, e isso é bastante claro na fala do narrador que diz que “nas relações de todos os dias, a voz da filha da casa era mal segura e trêmula; a de Vitória, áspera e dura. Aninha, ao pé de Vitória, parecia uma escrava junto da senhora” (SOUSA, 2005).

Em seu livro *Pode o subalterno falar?*, Spivak (2010) tem como uma de suas preocupações centrais a de desafiar os discursos hegemônicos e também as crenças dos (seus) próprios leitores e produtores de saber e conhecimento (pesquisadores, como os que vos fala). E ao concluir a sua interrogativa inicial, a teórica se refere ao fato de a fala do subalterno e do colonizado ser sempre intermediada pela voz do outro. Como ocorre na narrativa *Acauã*, Vitória era a ‘dona’ das vontades de Aninha. Decidia por ela.

A obra de Spivak (2010) é uma referência não apenas para os estudos pós-coloniais, mas também para os estudos culturais e para a crítica feminista, principalmente ao indagar as formas de repressão dos sujeitos subalternos, interrogando, até mesmo, a própria cumplicidade dos intelectuais contemporâneos, nessa questão. É comum encontrar cumplicidade de condições subalternas de personagens femininas em diferentes narrativas

literárias. Spivak (2010, p.85-86) confirma que ‘a questão da ‘mulher’ parece ser a mais problemática nesse contexto e que se faz necessário “acolher também toda recuperação de informação em áreas silenciadas”.

Nos seus escritos, Spivak (2010) discorre no seu último tópico sob a égide da crítica feminista, propondo questionamentos de cunho reflexivo em torno do discurso dos suicídios sancionados e a natureza dos rituais para os mortos. Seus estudos giram em torno desses e de outros diversos questionamentos, e deixa claro que não trás respostas objetivas, mas nos propõe discussões outras.

Evidentemente, meu tratado não é exaustivo. Minhas leituras são, mais propriamente, um exame interessado e imperito, de uma mulher pós-colonial, sobre a fabricação da repressão – uma contranarrativa construída da consciência da mulher e, portanto, do ser da mulher, da mulher com um ser bom, do desejo da mulher boa e, assim, do desejo da mulher. Paradoxalmente, ao mesmo tempo, testemunhamos o lugar móvel da mulher como um significante na inscrição do individuo social (SPIVAK, 2010, p.98).

Embora sob uma égide diferente à discutida e exemplificada nos escritos de Spivak (2010), no conto Acauã, a personagem Aninha no dia do seu casamento passa por uma espécie de ritual de transformação. Não fora uma escolha de Aninha. Sugere sacrifício. E, assim, ao ver Vitória

Aninha soltou um grito de agonia e caiu com estrondo sobre os degraus do altar. [...] A pobre noiva, toda vestida de branco, deitada sobre os degraus do altar-mor, estava hirta e pálida. Dois grandes fios de lágrimas, como contas de um colar desfeito, corriam-lhe pela face. [...] Então convulsões terríveis se apoderaram do corpo de Aninha. Retorcia-se como se fora de borracha. O seio agitava-se dolorosamente. Os dentes rangiam em fúria. Arrancava com as mãos o lindo cabelo. Os pés batiam no soalho. Os olhos reviravam-se nas órbitas, escondendo a pupila. Toda ela se maltratava, rolando como uma frenética, uivando dolorosamente. De repente, a moça pareceu sossegar um pouco, mas não foi senão o princípio de uma nova crise. Inteiriçou-se. Ficou imóvel. Encolheu depois os braços, dobrou-os a modo de asas de pássaro, bateu-o por vezes nas ilhargas, e, entreabrindo a boca, deixou sair um longo grito que nada tinha de humano, um grito que ecoou lugubrememente pela igreja:
– Acauã! (SOUSA, 2005, p. 79).

Embora seja uma referência clara sobre a lenda do Acauã, uma cuidadosa (re)leitura pode (re)abrir outras discussões, além das que aqui se fazem. E também perceber, de certa forma, nas duas personagens, exemplos de duas representações distintas do ser feminino, do ser mulher. Se por um lado Aninha representa a imagem frágil, vulnerável, suscetível, submissa, entre outros estereótipos já instituídos historicamente à imagem da mulher, por outro lado Vitória é a representação da própria luta feminista, a força, o vigor, a

independência, e embora a personagem pareça representar uma mudança do comportamento e do pensamento feminino e reforçar a ideia de ressignificação nas relações de gênero, percebe-se que o preconceito e os estereótipos também se ressignificaram, no sentido de que ao passo que Vitória representa um ser feminino, porém o seu vigor e a sua força é comparada a atributos que, hipoteticamente, apenas homens podem ter, e isso faz dela uma aberração, a serem observadas no trecho a seguir

Vitória era alta e magra, de compleição forte, com músculos de aço. A tez era morena, quase escura, as sobrancelhas negras e arqueadas; o queixo fino e pontudo, as narinas dilatadas, os olhos negros, rasgados, de um brilho estranho. Apesar da incontestável formosura, tinha alguma coisa de masculino nas feições e nos modos. A boca, ornada de magníficos dentes, tinha um sorriso de gelo. Fitava com arrogância os homens até obrigá-los a baixar os olhos (SOUSA, 2005, p.60).

Tais características propõem/sugerem uma ideia de demonização da mulher. Aquela que foge dos princípios da mulher submissa, instituída pelo patriarcado, é considerada a própria representação da bruxa dos tempos da idade média, que era contrária à igreja. Inclusive as características, atribuídas à Vitória, fazem uma sugestiva comparação à figura mítica Medusa.

Em suma, embora o ser feminino e o ser mulher se mantenham sob uma linha tênue de diferença, é aqui usado de certo modo como sinônimo. Aninha representa a imagem do ideal do que se espera sobre a mulher numa visão e discurso instituídos social e historicamente pela dominação masculina, conforme discutido em Spivak (2010) e Bordieu (2012), mas em contrapartida Vitória trás uma representação do que contraria o pensamento/discurso misógino e a partir dele é vista como uma aberração, um monstro, metaforicamente sugerido na narrativa, inclusive tais atribuições podem ser feitas à crítica e à luta feminista, se se seguir a lógica do pensamento misógino.

Percebe-se ainda muito forte e presente, que a visão que se tem sobre o ser feminino ao longo do tempo tem obtido novas concepções, visões, percepções, enfim, tem ganhado força e voz, percorrendo contra a correnteza dos estereótipos arraigados, mas percorrendo. E não se pode negar a importância que os estudos sobre gênero e o movimento feminista têm alcançado nos mais diferentes espaços, e o que outrora se estagnava no campo do silêncio e da invisibilidade, hoje se fazem ouvir e, cada vez mais, se fazem presente.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fora dito, explícita e/ou implicitamente ao longo deste trabalho, a intenção não foi apresentar respostas exatas ou verdades absolutas sobre ser feminino e/ou ser mulher, mas suscitar novos questionamentos, outras reflexões.

Butler e Beauvoir revelam a complexidade que gira em torno da definição do gênero feminino, que não necessariamente possa ser ou ter o mesmo sentido que ser mulher, embora um não anule o outro, mas se entende que há situações a serem revistas, analisadas, e que podem ou não serem substitutos entre si. Aqui foram usados, de certa forma, como sinônimos, mas é bom lembrar de que não se trata de uma regra. Embora preferencialmente se optara na maioria das vezes pelo termo feminino.

Há uma série de discussões feitas à questão do feminino subversivo e feitas à crítica feminista em torno da tentativa de compreender melhor as questões de gêneros, em especial o feminino, embora as análises e as (re) leituras de narrativas literárias, como esta, não possibilitem respostas de caráter definitivo, elas possibilitam algo muito maior, que todos os teóricos que embasam este artigo, (in)diretamente alertam, de que é preciso entender o que acontece(u) para que a caminhada/luta continue e se ressignifique no presente. As lutas feministas, segundo o próprio Bordieu, trouxeram essas questões para o campo do politicamente discutível, e isso por si só representa um significativo avanço. Acrescenta-se ainda que muitas vozes passaram a ser ouvidas, mas reconhece-se que há muito a se fazer. Mas de certa forma olhar e discutir o processo de mudanças que tem ocorrido proporciona hoje muitos outros questionamentos importantes e necessários, trazem novas experiências e reflexões, o que mostra que questionar move, sugere continuidade, e repostas indicam que acabou. Por isso a relevância deste estudo.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo I: fatos e mitos**. 1970.

BHABHA, H. K. **O local da cultura**. Tradução Myriam Ávila et al. Belo Horizonte: UFMG, 2013.

BORDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 11ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia: história e crítica de um preconceito**. Trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

BRITO JUNIOR, Antonio Barros de. **A literatura e o local da diferença: entre testemunho e arquivo**. Revista Landa, UFRGS, v. 2, n. 1, 2013.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Trad. Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**, tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: Lamparina, 2006.

KUNDERA, Milan. **A insustentável leveza do ser**. Tradução de Teresa Bulhões Carvalho da Fonseca. Rio de Janeiro. Nova Fronteira, 1985.

LOUREIRO, João de Jesus Paes. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário**. Belém: Cejup, 2002.

MEIRA, Clóvis. **Relembrações de Inglês de Sousa**. Artigo do jornal *O Liberal*. Belém, domingo, 23 de setembro de 1990.

SALGUEIRO, Wilbert. **O que é literatura de testemunho** (e considerações em torno de Graciliano Ramos, Alex Polari e André Du Rap). *Matraga*, Rio de Janeiro, v. 19, n.31, jul./dez. 2012. Disponível: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/matraga/article/view/22610>. Acesso: 01 jul 2019.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Narrar o trauma** – A questão dos testemunhos de catástrofes históricas. *Psic. Clínica*, Rio de Janeiro. v. 20, n. 1, p. 65-82, 2008.

SOUSA, Inglês de. **Contos Amazônicos**. São Paulo: Martin Claret, 2005.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Trad. Sandra Regina Goulart Almeida et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.